

País fica menos vulnerável e aumenta atratividade

ANA CAROLINA SAITO E
ANNA LÚCIA FRANÇA
SÃO PAULO

O fato de o Brasil tornar-se credor pela primeira vez na sua história foi visto com otimismo pelo mercado. Mesmo com efeito prático limitado, a novidade é considerada importante num mundo globalizado, porque melhora as expectativas dos investidores estrangeiros e aproxima ainda mais o País do tão almejado "grau de investimento". Ter uma reserva maior dá uma garantia concreta aos fundos internacionais que, aliado ao controle da inflação, câmbio flutuante e superávit primário, indicam o bom manejo das contas públicas, na opinião dos economistas.

A conquista anunciada pelo Banco Central já era esperada pelo mercado pela velocidade de aumento das reservas e o ritmo reduzido do crescimento da dívida externa nos últimos seis meses. "O ativo estava mais acelerado que o passivo", resume o economista-chefe da agência classificadora de risco de crédito Austin Rating, Alex Agostini. Para ele, o mais importante é que o País reforça o compromisso em reduzir sua vulnerabilidade externa. Com a perspectiva de o Brasil registrar neste ano déficit em transações correntes, o anúncio ajuda a tranquilizar os investidores. "Diferente do que aconteceu em 2002, quando houve uma saída de capital, o déficit vai ocorrer devido ao aumento das transações brasileiras com o mundo", afirma.

Para Agostini, as chances de o Brasil atingir já neste ano o grau de investimento são pequenas. O economista cita a questão da dívida pública mobiliária federal interna, que atingiu R\$ 1,2 trilhão em janeiro. "Do lado doméstico, o País ainda tem lição a fazer, como as reformas previdenciária e trabalhista",

acrescenta. No cenário mais otimista, ele aposta que o grau de investimento pode chegar em 2009, considerando a superação da crise norte-americana.

Para o economista Júlio Gomes de Almeida, consultor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), a contemplação do Brasil com a classificação é uma questão de tempo. "Hoje, o País já é uma economia com grau de investimento e o comportamento diante a crise está provando isso". Porém, as agências de risco ainda têm de seguir "um certo ritual", o que envolve a avaliação de um crescimento econômico robusto e uma relação dívida/PIB adequada, segundo Almeida. Para o economista, o crescimento do saldo comercial até 2006 é "a causa matriz" para que o País reforçasse as reservas e atraísse investimentos. "Essa foi a grande mudança a partir de 2002, contrariando a opinião de muitos economistas.

Para o economista Paulo Rabello de Castro, sócio-diretor da RC Consultores, a notícia não surpreende, porque o mercado já acompanhava a diminuição gradual da posição da dívida. "A reserva em dólar já havia superado a dívida. O que continua alta e desconfortável é a dívida interna, que paga juros ao dia", diz Castro, acrescentando que a notícia demonstra que não sofremos mais risco de colapso, "só de mediocridade e por isso o investment grade ainda não foi alcançado".

Para o presidente do Conselho Regional de Economia (Corecon-SP), Waldir Pereira Gomes, entretanto, na prática a conquista significa que o Brasil alcançou sim o grau de investimento para que os fundos internacionais possam atuar no País. "E, como eles têm um volume grande de recursos, isso deve ajudar as empresas na captação de novos recursos", explica.